
Corre Kilombo: “aqui o corre é outro!”¹**João Marcelo Flores de Bras²**

Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre as definições dos modos de práticas políticas de quilombismos urbanos contemporâneos, que foram elaboradas a partir da busca por reconhecimento e visibilidade, promovidas pelo grupo Corre Kilombo, em suas atividades no principal centro de corrida na cidade de São Paulo, o Parque do Ibirapuera. Através da articulação entre a representatividade de corpos e a marginalização da presença negra na corrida de rua, busca-se demonstrar uma ampliação do conceito de quilombo e a utilização do território como forma de afirmar identidades que (re)existem em uma perspectiva de construção comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades; quilombismo; resistências; cidade.

Este artigo foi inspirado pela experiência vivenciada no Parque Ibirapuera, considerado o mais importante parque urbano do país, um dos principais roteiros turísticos da cidade de São Paulo e um local reconhecido como ponto de encontro para praticantes de corrida de rua da cidade. Durante as primeiras horas do dia, especialmente nos finais de semana, o parque se torna o território dos entusiastas de esportes que buscam um clima agradável e espaços abertos para praticar corrida de forma livre e desimpedida, escapando do perigoso trânsito que ocupa as ruas da capital paulistana, uma cidade pensada a partir da mobilidade dos veículos automotores, tornando impraticável, seja pela poluição emitida ou risco de atropelamento, os usos e apropriações dos espaços para prática esportiva.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutorando, bolsista docente da Universidade Paulista - UNIP. Pesquisador do GP (CNPq) URBESOM. jmarcelobras@gmail.com

Neste estudo, não foi empregado o método etnográfico clássico, mas sim uma perspectiva baseada em abordagens de inspiração etnográficas propostas por Pereira et al. (2023). Essa abordagem adota uma postura crítica e ética em relação ao objeto de estudo e aos sujeitos envolvidos no campo, incorporando reflexões sobre as etapas e processos de pesquisa para ampliar a compreensão do campo. Isso traz uma dimensão intersubjetiva ao estudo sem exigir aderência estrita à rigidez técnica dos procedimentos de pesquisa de campo.

Essa "flexibilização" dos processos estabelecidos relacionados à inspiração etnografia ocorre especialmente porque se reconhece que o método tradicional tem sido objeto de questionamentos e problematizações. Críticas têm ressoado em suas raízes coloniais, na separação e hierarquização entre pesquisador e pesquisado, e na sua limitação como conhecimento situado (PEIRANO, 1995; ROCHA, 2006; RESTREPO, 2016). Portanto, a perspectiva adotada neste estudo busca superar essas limitações ao incorporar elementos reflexivos e éticos, a fim de obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno em análise, complexo e atravessado por recortes que articulam reflexões sobre quais corpos podem ser/estar no território, entre hierarquizações e até violências explícitas e sutis, do cotidiano urbano simbólico de um espaço qualifica como "público", o Parque do Ibirapuera.

Entendemos que antes de acompanhar as forças de um acontecimento, precisamos amadurecer a sensibilidade, provocada pela presença e vivência cotidiana, deslocando o "somos" para um "estamos" inseridos em possibilidades ampliadas de atualização de repertórios. Os mestres, de diversas rodas da cultura popular, ensinar a "pisar devagar na terra", uma lição sobre respeito entre as entradas, permanências e saídas, entre os fluxos e os atravessamentos humanos e não humanos que constituem e revelam a experiência. Desta forma, ainda que uma aproximação seja difícil, no contexto deste artigo, principalmente, pela ilusão binária construída pela branquitude, não é impossível, pois caminhamos entre as brechas e interstícios deste projeto disciplinar de capturas coloniais.

De acordo com um estudo realizado pela Octagon Brasil em 2023, encomendado pela Urbia, a empresa responsável pela gestão do Parque do Ibirapuera (privatizado), foi observado que durante os dias úteis da semana, os usuários com renda entre 5 e 10 salários-mínimos são 26% e acima de 10 salários-mínimos 34%, grupos que são os principais frequentadores do parque para a prática esportiva. Esses grupos representam

60% do público nos horários das 5h às 8h e das 17h às 24h, o que indica uma tendência de elitização no uso da infraestrutura de um espaço público.

Nos finais de semana, por outro lado, embora ainda haja uma concentração de 51% de usuários das classes média-alta, o perfil dos frequentadores muda, com a presença de pessoas com renda de até 2 salários-mínimos de 18% e de 2 a 5 salários-mínimos de 31%. Durante esses dias, o parque recebe famílias e grupos de amigos em busca de lazer, entretenimento e sociabilização em meio à natureza. Esses usuários concentram suas visitas no Parque do Ibirapuera nos horários das 8h às 11h e das 14h às 17h. Portanto, nos finais de semana, o parque é utilizado principalmente para atividades de lazer e prática esportiva não competitiva.

Este mapeamento ainda aponta que durante a manhã os frequentadores do Parque do Ibirapuera costumam fazer esportes sozinhos. Enquanto à noite essa prática passa a ser mais gregária e social, por meio de grupos das mais variadas modalidades: corrida, futebol, skate, basquete, entre outras atividades, que inspiram maneiras de aproveitar coletivamente a rara área verde na cidade. A autora Cida Bento (2022), apresenta reflexões de como se reproduzem narrativas sobre a herança da escravidão e nos impactos negativos, que repercutem contemporaneamente para as populações negras, mas quase nunca é trazida a luz a herança escravocrata e nos seus privilégios brancos que persistem e são violentamente defendidos, o que consiste no “pacto da branquitude”.

A corrida urbana ganhou popularidade como atividade recreativa, promovendo bem-estar e conexão social entre os participantes. No entanto, discussões sobre representação e inclusão dentro das comunidades de corrida ainda são relevantes, especialmente no que diz respeito à diversidade racial, o que parece contraditório, já que o esporte é aparentemente inclusivo, carecendo de poucos recursos para ser praticado, o que invoca um tipo de restrição ligado a elementos simbólicos de representatividade e pertença. Este artigo, de inspiração etnográfica, concentra-se nas práticas do Corre Kilombo, enquanto um grupo que transcende a corrida, buscando promover o engajamento comunitário e a representação racial por meio de suas atividades em territórios urbanos de grande fluxo de praticantes do esporte.

O Corre Kilombo explora seu impacto na construção comunitária e representação racial em territórios urbanos considerados “elitizados”. Em deslocamentos, em formato de fila dupla e espalhando alegria com seus cumprimentos de “bom dia” coletivo por todo percurso do parque. Essa demonstração inspira sorrisos e aplausos dos observadores,

fomentando um senso de união e encorajando outros a se juntarem ao percurso. O grupo é composto por indivíduos com diferentes tipos de corpos e estilos de corrida, incluindo participantes de diferentes idades, alturas e capacidades atléticas. O que os vincula não é apenas a roupa preta (marca do grupo) e a cor da pele, mas também a alegria compartilhada de uma experiência coletiva de protagonismo, promovida pelo encontro e inspiradora de representatividades.

O projeto surgiu a um ano, motivado no desejo de reivindicar visibilidade nos espaços públicos, desafiar estereótipos raciais, proporcionando uma comunidade de apoio para corredores negros, que testemunham frequentemente a solidão de suas práticas, vindos de todas as regiões da cidade, os encontros mensais viabilizaram rapidamente sociabilidades e a formação de redes de apoio. Seus idealizadores explicam que missão do grupo é promover camaradagem, capacitar indivíduos e celebrar a negritude, no contexto da diversidade na corrida urbana. Seu sucesso é catalizador de uma cultura criativa, em redes, carente de iniciativas que organizem os fluxos de engajamentos voltados para agendas que priorizem a vivência coletiva.

A tarefa de fundamentar a atribuição de uma identidade quilombola a um grupo de corrida e, por extensão, nomear a vivência no território urbano, implica em transcender a discussão do acesso à terra e redimensionar o próprio conceito de quilombo, a fim de abarcar a gama variada de situações de ocupação de territórios, simbólicos/materiais, por organizações afro-brasileiras e ultrapassar o binômio fuga-resistência, instaurado no pensamento hegemônico quando se trata de reflexões sobre estas novas maneiras de usos do território urbano.

A percepção limitada, que prevalecia sobre as comunidades rurais negras, refletia uma "invisibilidade" resultante da história oficial, cuja ideologia intencionalmente negligência os impactos da escravidão na sociedade brasileira (GUSMÃO, 1996) e, em particular, os efeitos da falta de uma política governamental para regularizar a posse de terras, que era extremamente comum na época, para grupos e/ou famílias negras após a abolição, como comprovam os estudos de Ciro Cardoso (1987).

A complexidade contemporânea solicita um quilombo polifônico, multifacetado, que negocia e resiste através da presença de corpos políticos em territórios simbólicos urbanos que permanecem, tantas vezes, hostis a presença negra, o que leva ao isolamento e a construção simbólica e material de não pertencimento. Tais perspectivas ressignificam o quilombo, em uma experiência de outras possibilidades de construção de ser e estar em

comunidade, que se organizam politicamente pela agenda de “direito a terra”, no sentido expandido de uso democrático do Parque do Ibirapuera. Essa ampliação do conceito de quilombo está no senso de autonomia do sujeito livre, pleno de acesso e representado em sua identidade afrodescendente.

O espaço de concentração do Corre Kilombo reafirma estas características, enquanto território negro de ocupação, localizado em frente ao Museu Afro-Brasileiro, no coração do Parque do Ibirapuera. Enfatiza o um ponto de compartilhamento, repleto de simbolismos e toda contribuição afrodescendente que o museu visibiliza. O agrupamento, de coletividade camponesa, agora é articulado como modos urbanos de organizar e reivindicar presenças materiais e simbólicas de agentes da própria história. Encontros que articulam elaboradas reflexões a partir da presença dos corpos sensíveis e elaboração de narrativas que proporcionam práticas de competências socioafetivas coletivas.

O sentimento de pertencimento a um grupo e a um território é uma forma de expressão da identidade étnica e territorialidade, que são construídas em relação aos outros grupos com os quais os quilombolas se confrontam e se relacionam em contexto rural. Esses dois conceitos são fundamentais e estão intrinsecamente interligados no contexto das comunidades negras camponesas, pois "a presença e o interesse de brancos e negros sobre um mesmo espaço físico e social revelam, segundo Bandeira, aspectos ocultos das relações raciais" (GUSMÃO, op.cit.:14). Os aspectos ocultos aos quais a autora se refere são a subalternização dos grupos negros em relação à sociedade inclusiva.

Estamos, portanto, diante da incorporação de identidades negras que, devido a eventos históricos e estruturais, introduzem novas relações de diferença que se tornam fundamentais na luta das comunidades negras pelo direito de (re)existir, ocupar e transmitir às gerações futuras o território moldado por seus antepassados ao longo de várias gerações, uma ancestralidade que reivindica a presença digna no território.

Nesse sentido, podemos conceber as identidades não como fixas, mas, nas palavras de Boaventura Souza Santos, como "identificações em curso", que fazem parte do processo histórico da modernidade, no qual se entrelaçam processos antigos e novos de recontextualização e particularização das identidades. Trata-se de um processo histórico de resistência, que teve início no passado e é evocado para sustentar a resistência contemporânea, praticamente como uma reivindicação da continuidade desse processo. A identidade negra é estabelecida como uma relação de diferença fundamentada na

subalternização e na disparidade de classes. Boaventura, ao relacionar identidade e questões de poder, nos lembra que aqueles que são obrigados a reivindicar uma identidade encontram-se necessariamente em uma posição de carência e subordinação.

Neusa Santos Souza (2001), explica:

“tornar-se negro, está além de tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o captura numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é retomar a posse dessa consciência e criar uma nova (...). Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro”.

Além disso, essa submissão é sustentada por representações sociais racistas que justificam a inferioridade estrutural do grupo minoritário, revelando uma forte presença de estruturas opressoras. Esse racismo se manifesta geralmente de forma sutil, oculto por um "sistema de valores que [...] inibe tanto as manifestações negativas na avaliação do 'outro' racial, como promove a apologia da igualdade e da harmonia racial entre nós" (BORGES PEREIRA, 1996:76). Os depoimentos dos corredores indicam “olhares atravessados”, apontamentos sobre peso, roupas e cabelo, no sentido de menosprezo ou exotização.

Com o surgimento do movimento nacionalista, entre os anos de 1930 e 1940 o governo Getúlio Vargas, passam a estimular pesquisas sobre a figura do negro como uma das matrizes da identidade nacional, gestando uma incipiente teoria que tardiamente passaria a ser chamada de “democracia racial”. A ocultação do racismo na sociedade brasileira foi estimulada pelo mito da democracia racial, do qual Gilberto Freyre é um importante representante na década de 1930, e que começou a ser questionada apenas nas décadas de 1950 por Florestan Fernandes e Oracy Nogueira.

“Combinaram de nos matar. A gente combinamos de não morrer” é o que afirma Conceição Evaristo (2016), quando aborda as vivências e os silenciamentos da população afro-brasileira. A frase, comumente utilizada como uma máxima pelos movimentos que resistem ao sistema que tenta justificar privilégios e exclusões sociais e que cria desigualdades institucionalizadas e estruturadas, permite uma interpretação ampla do termo “morte”, uma vez que esta pode ser entendida não apenas como uma ausência física, mas também como uma omissão do simbólico e do cultural do povo preto.

Construindo Comunidade e Desafiando Estereótipos

Durante uma corrida de domingo típica no parque, o Corre Kilombo chama a atenção dos visitantes com sua vibrante demonstração de união. A diversidade dos participantes, abrangendo diferentes tipos de corpos e níveis de experiência na corrida, demonstra a natureza inclusiva do grupo. O entusiasmo contagiante e a camaradagem, exibidos pelos corredores, ressoaram nos observadores, resultando em sorrisos e aplausos que retribuem o gesto. A cena contrasta com uma dupla de jovens brancas que caminham levando colchões de yoga, em princípio, pelas marcas e modelos das roupas, tênis novos e caros, relógios Apple, aparentam uma classe socioeconômica privilegiada, fazendo questão de demonstrar insatisfação com a “bagunça” que atrapalha o trajeto com a longa fila.

Importa mencionar que o conceito de Raymond Williams (1979) de elementos dominantes, residuais e emergentes, que negociam espaço, sentido e temporalidade nos é caro, pois atravessa todo o artigo, de modo a entender as construções de sentido alavancadas pela cultura local de cada grupo. Durante os encontros de corredores a capoeira é simulada, assim como outras maneiras tradicionais de se acionar um residual da cultura afro-diaspórica. Assim como o incômodo colonial, de quem entende o parque público como território de direito, que não deve ser incomodado ou modificado, a luz de uma tutoria unilateral sobre o valor das representações, do corredor negro tolerado, calado e em pouca representatividade numérica.

A proposta desta pesquisa demonstra ainda que as percepções não são prontas para colar em teorias, de forma que o pesquisador se apropria e sente antes de compreender e, na busca de praticar o “sentir” antes do “compreender”, Michel Maffesoli (1995) foi de grande valia para reflexões em torno da possibilidade de construir um modo de ser e de estar-junto “alternativo”, o que Harvey (2013) denominou de “utopismo espaço-temporal” em que o Corre Kilombo permite constituir em seus encontros. A presença e o engajamento ativo do coletivo desafiam noções tradicionais sobre quem pode participar de atividades de corrida. Ao desafiar estereótipos associados à figura atlética e enfatizar a alegria de experiências coletivas, o grupo cria um ambiente inclusivo que encoraja indivíduos de todas as origens a se juntarem.

Quando uma identidade suprimida consegue se mostrar aparente, ela frequentemente se utiliza da arte para sua visibilidade, transformando os modos do

imaginar e construindo uma nova relação entre a aparência e a realidade, o visível e seu significado, produzindo modificações do singular e do comum nos contextos vividos e buscando engajamento em novas formas de produção social (MARQUES, 2011). Trazidos através de canções, tranças e tradições que acionam essa dimensão compartilhada e comum entre os membros, que se identificam. A busca pelo resgate do ancestral e das resistências às supressões, tem-se que a memória pode ser definida, sendo que, para além da dimensão individual, a memória possui uma dimensão social ou coletiva que pode ser vista como forma de resistir e de (re)existir de uma população.

A perspectiva diaspórica se relaciona com um olhar qualificado, que leva em conta o fato de que a preservação da memória das populações negras, submetidas ao fluxo transatlântico forçado, demandou uma reconstrução de identidades e o reagrupamento destes nos novos territórios, o que acabou por se manifestar nos comportamentos, na musicalidade, na religiosidade, nas festividades e nas tradições. Estas manifestações culturais acabaram por ser (re)criadas nos territórios, foram inseridas nos entrelugares, nas brechas, “às margens e nas frestas” (SIMAS, 2020) do que já existia, ou seja, foram reconstruídos nos locais onde foi possível aglutinar os vestígios daquilo que foi disperso pela diáspora africana, então a perspectiva: “nosso corre é outro”.

Representação Racial na Corrida Urbana

Por meio de sua vestimenta distintiva (preta) e presença unificadora, o Corre Kilombo enfatiza a importância da representação racial dentro da comunidade de corredores. Sua presença visível e festiva serve como um lembrete da diversidade existente entre os corredores e incentiva muitos outros a abraçarem suas identidades e se envolverem em atividades físicas em todos os territórios da cidade. Para além do encontro mensal no parque, o grupo se mobiliza em rede, através de um grupo de WhatsApp, que até o fechamento deste artigo conta com 620 participantes muito ativos, que organizam treinos em áreas específicas da cidade, trocam indicações de profissionais pretos de diversas necessidades, vendem produtos, compartilham vídeos e reforçam o engajamento, coletividade e autoestima. Uma proposta de acolhimento que reivindica a negritude como “família”, uma maneira informal de definir comunidade.

O Corre Kilombo se posiciona oficialmente: “não com propósito de excluir, agredir ou ofender pessoas brancas”, o que é deixado claro na descrição do grupo, que

não aceita discursos de ódio entre os seus conteúdos. É muito comum em comunidades mais engajadas, que se propõe discutir questões raciais, uma perspectiva radical de resistência. O que entendemos a partir da violência histórica, contada pela perspectiva do vencedor, acabando por ser convenientemente delineada, assim como aponta Walter Benjamin (1985) que, ao trazer suas teses sobre filosofia da História, afirma que “diante do inimigo, se este vencer, nem os mortos estarão em segurança”, o que mostra uma memória forjada a partir de uma perspectiva seletiva e racista, legítima de revolta.

Ainda segundo o próprio Benjamin (1985), tal perspectiva tornaria o enredo vulnerável, pois não somente o presente estaria em risco, mas o futuro e o passado seguiriam ameaçados, quando ocorre a transmissão da cultura de forma desvirtuada. O que indica a necessidade de “escovar a história a contrapelo” (LÖWY, 2010). Neste mesmo sentido ADICHIE (2009) adverte para os perigos de somente se contar uma história única, versões estas incompletas, rememoradas sob apenas uma perspectiva unilateral e que enfatizariam diferenças ao invés de semelhanças, aprofundando o racismo e a violência sistêmica através de uma comunicação criminosamente enviesada.

A proposta de representatividade do Kilombo, “corre” sob o olhar dos dissidentes, que perseguem a decolonialidade e uma reintegração das culturas suprimidas na história do Brasil, há a advertência para o cuidado de não se manter o lastro colonial - que costuma considerar narrativas ilusórias - onde se assume apenas a versão de um suposto herói e onde se dissimula uma política de invenção do outro “(...) cuja cultura e a alma se deseja devorar. Porém, diziam eles: civilizar.” (SILVA, 2021).

Linha de Chegada

O caso do Corre Kilombo demonstra o potencial dos coletivos de corrida para promover a construção comunitária e desafiar estereótipos raciais em espaços urbanos ampliados pelas redes de apoio. Ao promover a inclusão, celebrar a diversidade e espalhar alegria, o grupo cria um ambiente que inspira outros a participarem e a sentirem-se parte, integrados e fortalecidos em sua autoestima. Pesquisas e iniciativas futuras podem explorar as implicações mais amplas de tais grupos na promoção da equidade e mudança social dentro da comunidade de corrida e além dela.

O quilombo sempre foi um espaço de contestações das identidades e memórias locais, com sujeitos que se organizam criativamente como forma de sobrevivência, fato

que permitiria o aflorar de novas possibilidades de exercício de uma “cidadania cultural” (BRAS; PEREIRA, 2021) através do uso amplo da cultura, identidades e diversidade como recurso de um urbano complexo, que permita a visibilidade de outras competências socioafetivas.

Mobilizações de comunidades aquilombadas no território do Parque Ibirapuera buscam despertar consciências para além das lógicas e memórias coloniais implantadas no imaginário popular, em oposição ao apagamento físico, imaginário e simbólico, expressando seu acervo cultural em celebrações realizadas no território e com práticas que articulam a (re)valorização através da presença dos corpos negros, propondo usos e ocupações mais democráticas da cidade (PEREIRA; AVELAR, 2022).

É preciso reconhecer a história negra, na construção do que veio a se condicionar o Brasil contemporâneo, de corpos regidos por violências residuais, materiais e simbólicas, que atravessam os corpos colonizados, produzindo subjetividades destituídas de ampla cidadania, o que significa ainda, a negação de saberes diaspóricos. O corpo é o primeiro alvo da violência colonial, destituindo o destino, as próprias escolhas livres, obrigados a submeter a vida na produção de privilégios, reservados aos brancos, em forma de estruturas racistas e conservadoras.

Está na dimensão do corpo não branco a incessante tentativa de subalternização operada na colonização nacional. As resistências, enquanto processo contínuo de resposta a violência, recriam expressões de vida, negadas pelo sequestro escravagista, apontando as formas de vida dissidentes como perigosas, ilegais e amplamente combatidas, negando o ser e estar. Expressões religiosas, musicais, lutas etc. providenciadas pela cultura negra, negociam e resistem para transgredir, com astúcia e criatividade.

A decolonidade se inscreve através dos corpos não brancos, nas práticas de apagamentos e fluxos de presença, diante da opressão. São múltiplas possibilidades que escapam da percepção eurocêntrica, invocando assentamentos de suporte de memórias ligados a ancestralidade, ritualidades que se provam potentes expressões de identidades. O corpo negro se inscreve em presencialidade de fresta (Simas e Rufino, 2018), perspectivados por dobras e circularidades de regimes de outras perspectivas culturais que escapam, se (re)organizam em lógicas que privilegiam a comunidades, enquanto potência de negociação e resistências.

Estes dispositivos de fragmentação da violência não alcançam a potência de outras gramáticas do sentir, do repertório de corporalidades que escapam do funcionalismo

hegemônico da exterioridade biológica e mercantilizada, é o que percebemos como “brechas”. Nos intervalos de ação, assim como a síncope do samba, a vida se (re)encanta, indisciplinada, se substantiva, apesar de verticalizado, hierarquizado hegemonicamente, estes corpos carregam memórias de reconfiguração, fragmentada, como percebemos em expressões que se recriam, em confluência (Santos, 2023), em práticas atualizadas, que não se esgotam dentro do sistema disciplinar urbano. Incessantes produtoras de memória e identidades, saberes construídos a partir de enunciação de práticas articuladas em redes.

O Corre Kilombo promove espaços de “descompressão”, pontos de encontros, virtuais e materiais, em um território que é produto de um processo resultante de insatisfações diversas. Uma alternativa acessível de viabilizar vida, em possibilidade de exposição liberada de confrontos, convocados pela latência da precarização do ser e estar, deportas trancadas que precisam ser politicamente arrombadas como espaço de possibilidade de identidades negras. Ressignificando o sentido “indesejado” e excludente do espaço público elitizado, máquinas de moer subjetividades, em construções de incompletudes de um “vir a ser” impossibilitado pelo embranquecimento operado em muitas camadas, o que Fanon (2008), coloca como “máscaras brancas”, usadas para sobreviver, tornando difícil de se reconhecer entre retalhos e apagamentos.

Neste sentido, Bell Hooks (2010) nos faz um convite a reflexão, escrevendo sobre as feridas que atingem até a alma, uma perspectiva sobre a incapacidade de produzir autoestima, amar e entender-se digno de ser amado, a partir de sua própria identidade. O Corre Kilombo possibilita afetações de ordem cultural urbana de “cura” pelo encontro em comunidade, uma intencionalidade que reflete realidades descentralizadas e aquilombadas na cidade de São Paulo.

A violência incide no urbano, mas o repertório aquilombado, deste sujeito que corre, resiste, articula redes e elabora potências a partir das vivências, fluxos e trocas, indica o poder da comunidade, em seus códigos de cotidiano, reestruturando a cosmogonia de expressões de saberes mais presentes do que nunca. A proposta de transgressão pela presença de corpos negros que correm, desmoraliza os efeitos do colonialismo/colonialidade, são demandas de (re)existências, enquanto prática de liberdade (FREIRE, 1996), pois têm como emergência o reposicionamento dos sujeitos diante ao racismo, explícito/velado que persiste em nossos parques e em nosso Brasil.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras: São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em 12 Dez.2022.
- BENJAMIN, Walter. **As Teses sobre o Conceito de História**. In: Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BORGES PEREIRA, J. B. "Racismo à brasileira" In: MUNANGA, K. (org) **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial**. São Paulo: Edusp, 1996.
- BRAS, João Marcelo Flores de; PEREIRA, Simone Luci. Usos da **Cultura como Recurso no Bixiga: ativismos e práticas de consumo em diálogo**. Anais Comunicon 2021 - Congresso Internacional de Comunicação e Consumo. São Paulo: Comunicon, 2021. Disponível em: <https://comunicon.espm.edu.br/wp-content/uploads/2021/11/Joa%CC%83o-Marcelo-Flores-de-Bras-e-Simone-Luci-Pereira.pdf>. Acesso em: 20 mai.2023.
- CARDOSO, C. F.S. **Escravo ou camponês? O protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.
- FANON, Franz. **Pele Negra, máscaras brancas**. EDUFBA. Salvador, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUSMÃO, N.M. "Os Direitos dos Remanescentes de Quilombos". Cultura Vozes, no 6. São Paulo: Vozes, nov/dez de 1995.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acessado em 01/11/2023. 2010

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settinieri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARQUES, Ângela. **Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 25-39, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7047/6056>. Acesso em 11 mar. 2023.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1995. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf. Acesso em 29 mai.2023.

PEREIRA, Simone Luci; AVELAR, Milena Signor. **Rede Social Bela Vista: ativismos urbanos, redes e dinâmicas comunicacionais no Bixiga**. Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2175497740935>. Acesso em 28 mai.2023.

PEREIRA, Simone Luci; PONTES, Everton Vitor; BEZERRA, Priscila Miranda; RODRIGUES, Juliana Conartoli. **Apropriações da cidade em práticas musicais juvenis em São Paulo: experiências de uma pesquisa coletiva**. In: Violencias, contra-hegemonías y re(ex)istencias en clave de niñeces y juventudes latinoamericanas. Manizales, Colombia: Editorial CINDE; Editorial CLACSO, 2023.

SILVA, Rute Ramos da. **A comida brasileira e o mito da democracia racial**. 2021. Mídia Ninja. Disponível em: <https://midianinja.org/news/a-comida-brasileira-e-o-mito-da-democracia-racial/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro, 1ª Ed., Zahar, 2021.

LÖWY, Michael. “**A contrapelo**”. **A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin** (1940). In: Lutas Sociais, nº 25/26, p. 20-28, 2º Sem. De 2010 e 1º sem. 2011. São Paulo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/l/article/view/18578>. Acesso em 08 nov.2022.

RESTREPO, Eduardo. **Etnografia: alcances, técnicas y éticas**. Bogotá: Enviñon editores, 2016. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/etnografia-3.pdf>. Acesso em 29 mai. 2023.

ROCHA, Gilmar. **A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna**. Cadernos de Campo. São Paulo, 2006, n. 14/15. p. 99-114. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p99-114>. Acesso em 29 mai.2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá. A terra quer**. UBU Editora, São Paulo, 2023.

SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.